

edizione. Milano: Tascabili Bompiani, 1995.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 4. ed. Paris: C. Klincksieck, 1959. XIII, 820p.

LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A latin dictionary*. London: Oxford University Press, 1996.

LOVE LYRICS FROM THE CARMINA BURANA. Edited and translated with a commentary by P. G. WALSH. North Carolina: The University of North Carolina Press, 1993.

OVID. *Heroides. Amores*. Translated by Grant Showerman and revised by G. P. Goold. London: Loeb Classical Library, 1996.

_____. *Metamorphoses: Books IX-XV*. Translated by Frank Justus Miller and revised by G. P. Goold. London: Loeb Classical Library, 1994.

VIRGIL. *Eclogues, Georgics and Aeneid*. With an English translation by H. Rushton Fairclough. London, Loeb Classical Library, 1994.

OVÍDIO E SUA OBRA

Prof. Me. Laert Ribeiro de Souza (UERJ)

Resumo:

Já se disse antes, mas acreditamos nunca ser exagero a repetição, que aqueles que se destacam, de alguma forma, em qualquer atividade humana, em especial naquelas resultantes do intelecto, serem pessoas capazes de despertar sentimentos por vezes exagerados e contraditórios, sentimentos que muitas vezes dão origem a críticas acirradas ou a defesas emocionais. Assim, foi a trajetória de vida de Ovídio, por vezes, pouco considerado como grande poeta que, de fato, foi. **Palavras-chave:** era de Augusto César, Ovídio, “Tristia”.

Públio Ovídio Naso ((43 a.C. a18 d.C) foi um poeta dotado de enorme sensibilidade e de grande facilidade na arte de versejar, que trabalhou o amor em dísticos elegíacos como ninguém, poeta querido e elogiado pela sociedade romana. Para outros, é um autor superficial, frívolo, sem emoções e apenas preocupado com os prazeres mundanos e as formas ideais da língua.

Qualquer que seja a opinião que se pretenda ter, no entanto, sobre o que Ovídio escreveu, obras que atravessaram os séculos e que chegaram aos nossos dias ainda despertando interesses e mesmo críticas, são obras que merecem o nosso respeito, obras que merecem a nossa atenção e o nosso estudo imparcial, o nosso estudo isento de emoções. Aliás, dizer-se que estudos sobre as obras ovidianas possam ser isentos de emoções é um tanto exagerado. Dificilmente se consegue mergulhar nas obras desse poeta romano sem que fortes sentimentos nos dominem, sem que nos envolvamos em suas dores e paixões. É para isso que um poeta existe: para nos transmitir aquilo que ele sente, para fazer aflorar as emoções, os sentimentos que existem dentro de nós, os leitores.

Este trabalho, que tem que por base, dentre outras, as obras *Ovide: les Tristes – les Pontiques*, de Émile Ripert, publicada pela Librairie Garnier Frères; *Ovide: Tristes*, de Jacques André, publicada pela Société d’Édition “Les Belles Lettres”; e *Tristium*, tradução de Augusto Velloso, publicada pela Organizações Simões, se propõe a tecer comentários sobre a obra ovidiana de um modo geral, em especial sobre os versos da elegia doze do livro cinco dos *Tristia*.

Os *Tristia* são cinco livros, em dísticos elegíacos, escritos por Ovídio possivelmente durante e após sua viagem para Tomos, para onde fora mandado por ordem do imperador Otávio. Nesses livros ele se dirige a Otávio e ao público de um modo geral, falando de suas dores de exilado e procurando abrandar o coração do imperador, na esperança do perdão e do seu retorno a Roma.

Públio Ovídio Naso nasceu em Sulmona, atualmente Abruzzo, região situada no centro da Itália, a 13 das calendas de abril, isto é, a 20 de março do ano 711 da fundação de Roma, 43 anos antes da era cristã:

*Sulmo mihi patria est gelidis uberrimus undis
Milia qui nouies distat ab Vrbe decem.* (Tristium 4, 10, v. 5-6)

(Minha pátria é Sulmona, fertilíssima pelas suas águas geladas, que dista de Roma noventa mil passos)

Pertencente a um rica família, que proporcionou a ele e ao irmão uma boa educação em Roma e em Atenas, com os mestres mais célebres, era a intenção de seu pai encaminhá-lo para a carreira das grandes honrarias, a magistratura, que poderia lhe abrir as portas do Senado romano:

*Protinus excolimur teneri curaue parentis
Imus ad insignes Urbis ab arte uiros.* (Ibidem, v. 15-16)

(Fomos educados desde cedo, ainda crianças e por cuidado de nosso pai nos encaminhamos para varões de Roma notáveis por sua cultura)

Desde cedo, no entanto, senti irresistível atração para a poesia:

*At mihi iam puero caelestia sacra placebant
Inque suum furtim Mussa trahebat opus.* (Ibidem, v. 19-20)

(Mas a mim já agradavam desde criança o culto das musas; e a musa atraía-me secretamente para o seu culto)

Tudo o que experimentava escrever, resultava quase sempre em versos:

*Sponte sua carmen numeros ueniebat ad aptos,
Et quod temptabam scribere uersus erat.* (Ibidem, v. 25-26)

(A poesia vinha naturalmente para a cadência própria; e o que pretendia exprimir era verso)

Seu pai ainda procurou combater essa inclinação, lembrando-lhe que nenhuma vantagem ela lhe traria e que grandes poetas, como Homero, haviam morrido na pobreza:

*Saepe pater dixit: "Studium quid inutile temptas?
Maeonides nullas ipse reliquit opes".* (Ibidem, v. 21-22)

(Meu pai disse-me muitas vezes: "Por que pretendes uma carreira sem proveito? O próprio Homero nenhuma fortuna deixou.")

Ele ainda tentou seguir os conselhos do pai, começando a advogar com êxito muito cedo em Roma e chegando a exercer funções públicas,

alcançando a magistratura como juiz reto e imparcial:

Cepimus et tenerae primos aetatis honores (Tristium 4, 10, v. 33)
(Conseguimos grandes honrarias em tenra idade)
*Nec male commissa est nobis fortuna reorum,
Lisque decem deciens inspicienda uiris.* (Tristium 2, 1, v. 93-94)

(Não houve qualquer prejuízo ao me ser confiada a sorte dos acusados e os importantes processos dos centúviro);

*Res quoque priuatas statui sine crimine iudex
Deque mea fassa est pars quoque uicta fide.* (Tristium 2, 1, v. 95-96)

(A respeito de assuntos particulares, eu também me coloquei como um juiz irrepreensível, e a parte vencida reconhecia também minha justiça)

Ovídio, no entanto, dotado de enorme sensibilidade, seduzido pelos prazeres da vida mundana e gozando da simpatia do imperador Otávio, preferiu cultivar a poesia, adquirindo extrema facilidade na arte de versificar e logo se tornando o autor da moda da sociedade romana:

*Nam tulerint magnos cum saecula nostra poetas,
Non fuit ingenio fama maligna meo,
Cumque ego praeponam multos mihi, non minor illis
Dicor et in toto plurimus orbe legor.* (Tristium 4, 10, v. 125-128)

(Com efeito, embora nosso século tenha produzido grandes poetas, a opinião pública não foi malévola para com o meu gênio; e posto que anteponha muitos a mim, não sou considerado inferior a eles e em todo o mundo sou lido por muitos)

A glória e a felicidade lhe sorriam quando, por volta dos cinquenta anos de idade, no ano 8 d.C., foi exilado de Roma, para a cidade de Tomos, hoje Constanta, na Romênia, por um decreto imperial, cujos motivos ainda não estão bem claros até hoje.

Tomos ficava no Ponto Euxino, hoje chamado Mar Morto e, no parecer do poeta, um lugar horrível, detestável, nada no mundo sendo mais triste:

*Siue locum specto, locus est inamabilis et quo
Esse nihil toto tristius orbe potest.
Siue homines, uix sunt hoc nomine digni
Quamque lupi saeuae plus feritatis habebent.* (Trist. 5, 7, v. 43-46)
(Se olho o país, é um país desagradável e não pode existir um outro lugar

mais triste no mundo. Se olho os homens, estes com dificuldades seriam dignos deste nome, mais selvagens e mais ferozes que os lobos)

Com o exílio, privado dos prazeres de Roma, Públio Ovídio Naso, o poeta dos jogos amorosos, considerando-se um desgraçado, transformou-se no poeta dos queixumes do exilado:

*Sum miser – haec brevis est nostrorum summa malorum –
Quisquis et offenso Caesare uiuit, erit.*(*Tristium* 5, 7, v. 8-9)

(Sou um desgraçado; este é o breve resumo dos meus males, e sê-lo-á todo aquele que viver, tendo ofendido a César)

Públio Ovídio Naso morreu em Tomos, em 17 ou 18 d.C., apesar dos versos suplicantes que enviou a Roma, primeiro para Augusto, depois para Tibério.

Como em relação a tantos outros, as opiniões sobre Ovídio são extremamente contraditórias, variando das críticas as mais acerbas, aos elogios os mais enaltecedores. Mas mesmo aqueles, no entanto, que acham que falta profundidade e muitas vezes seriedade em suas obras, e que para ele a poesia é apenas um jogo, reconhecem-no um artista cujo talento apresenta recursos de uma variedade extraordinária, com uma destreza incomparável de versificador, um imitador inteligente dos procedimentos alexandrinos e com profundos estudos dos artifícios da retórica..

A obra poética de Ovídio pode ser dividida em poemas de amor, poemas eruditos e poemas do exílio. Dentre os poemas de amor, destacam-se: **Amores**, **Heroides** e **Ars Amatoria**. **Amores** são quarenta e nove elegias pessoais, quase todos poemas amorosos, dirigidos a uma certa Corina, personagem fictícia, fruto da imaginação do poeta, escritas no ano 15 ou no ano 14 a.C. **Heroides** eram a correspondência versificada, a compilação de cartas fictícias em versos elegíacos, nas quais quinze famosas heroínas mitológicas da antigüidade, as “belas abandonadas” (Penélope, Ariadne, Medéia, Dido...), falam de suas angústias aos heróis que as abandonaram.

Ars Amatoria (ou **Ars Amandi**), que supõe-se concorreu para o exílio de Ovídio no Ponto Euxino, e que se apresenta em três livros, é considerado por alguns como o poema mais imoral da literatura antiga, sobre assuntos escabrosos. Das obras eruditas, destacam-se **Metamorphoseon** e **Fasti**.

Ao compor, no ano um da nossa era, **Metamorphoseon**, em quinze livros, considerada sua grande realização poética, poema imenso, consagrado às transformações de deuses ou humanos em seres ou objetos diversos, animais, rios, árvores, Ovídio foi sem dúvida inspirado pela sua meditação sobre a arte. A especificidade da arte consiste em fazer surgir o que não existe na natureza e, logo, realizar uma “metamorfose” maravilhosa. **Fasti**, poemas com ambições simultaneamente didáticas e mundanas, tratam de um exame do calendário religioso

dos romanos, que Ovídio interrompeu no sexto mês, isto é, no sexto canto ou sexto livro. Dos poemas motivados pela dor do exílio, citam-se **Tristia** e **Pontica**. **Tristia** são cinco livros em dísticos elegíacos, escritos durante a viagem de Ovídio para Tomos, nos quais ele se dirige a Otávio e ao público de um modo geral, falando de suas dores de exilado. **Pontica** (ou **Epistulae ex Ponto**), também em dísticos elegíacos, são cartas em versos endereçadas à esposa e a certos amigos.

A partir do século V a.C., pôde-se observar na Grécia o uso de uma estrutura métrica que consistia num dístico, conjunto de dois versos, formado por um hexâmetro e por um pentâmetro datílico. Essa estrutura métrica dava aos poemas assim escritos algo um tanto pungente, como sendo de tonalidade lúgubre, predispondo-os portanto à expressão da dor. Talvez essa característica também possa explicar porque tal dístico tenha recebido o nome de “elegíaco”, já que nesta palavra se pode distinguir a raiz **leg**, significando “dizer”, e o fonema **é**, que, sobretudo quando repetido, era em grego o equivalente à nossa interjeição “ai de mim!”.

À primeira vista, o que se observa em Roma, parece-nos com o se observou na Grécia, no que diz respeito ao dístico elegíaco. Nós encontramos poemas em dísticos elegíacos que são simplesmente poemas didáticos, humorísticos ou sérios (**Ars Amatori** e **Fasti** de Ovídio). No entanto, em Roma, os dísticos elegíacos são, geralmente, poemas intimistas, onde o tema do amor predomina, mesmo quando didáticos, humorísticos ou sérios.

Em Roma, no “século de Augusto”, o dístico elegíaco, num prolongamento e concluindo o que já tivera seus primeiros esboços na Grécia, vai se tornar essencialmente a poesia do amor. Assim, ao escrever os seus **Remedia Amoris** em dísticos elegíacos, Ovídio evoca, nos versos 373 e seguintes, diversos gêneros literários, fazendo então à elegia: “As guerras heróicas podem ser cantadas no ritmo de Homero” (quer dizer, o hexâmetro datílico); “é o jâmbico livre que deve ser sacado contra os adversários” (alusão ao epigrama, poesia eminentemente satírica, o mesmo que mais tarde ilustrará Marcial); “quanto à suave elegia (**blanda elegia**), que ela cante os Amores armados com aljavas, e que ela se mova livremente, como uma ágil matrona”.

E é tendo por base essas palavras de Ovídio, que Gaillard nos afirma:

Este texto indica muito claramente que, na época em que foi escrito (por volta do ano 20 antes da nossa era), a elegia era considerada como um gênero poético independente, completo, mas que a definição desse gênero não correspondia de forma alguma àquela que nos forneceu o dicionário para a elegia moderna: ela não se trata, no tempo de Ovídio, de um poema exprimindo um *lamento doloroso*, ou *sentimentos melancólicos*: a elegia, tal como a concebe o

poeta latino, é mais que tudo um poema de amor, ela é *suave* ou *acariciante*, ela é de inspiração leve, leia-se erótica no sentido moderno da palavra – o que não impede, deixe-se bem claro, que não possa exprimir a tristeza em algumas ocasiões, pois existem as dores do amor”. (In *Les Genres Littéraires à Rome*, p. 110).

Nada nos impede, portanto, de afirmar que a elegia romana pode ser definida como sendo um poema que trata essencialmente do amor (sentimental e sensual, ao mesmo tempo), e que é escrita em dísticos elegíacos. Isto nos explica porque Ovídio escolheu o dístico elegíaco para escrever seus poemas, até mesmo para escrever os poemas considerados didáticos, já que até estes eram consagrados a assuntos relativos ao amor.

Mas não nos esqueçamos de que, em Ovídio, ainda que o tema do amor predomine, o que ele faz é tratar a elegia como um jogo literário, escrever uma poesia que, dentre outras coisas, procure substituir o herói épico pelo amante intrépido e sofrido.

Acredita-se, por alusões que Ovídio faz em sua obra, que os *Tristia* tenham sido escritos entre os anos 8 e 12 da nossa era.

O livro I deve ter sido escrito durante a viagem que Ovídio fez de Brindes, porto italiano no mar Adriático, a Tomos, ou seja, durante o inverno dos anos 8-9. Esse livro, que contém onze elegias, trata dos seguintes assuntos:

Elegia 1- O poeta dá conselhos e faz recomendações ao livro que está escrevendo: deve ter um aspecto simples, como convém ao livro de um desterrado; deve responder as perguntas que lhe fizerem; deve evitar o palácio de César.

Elegia 2- O poeta fala da tempestade que o ameaça em alto mar e implora aos deuses que não se associem a César contra ele.

Elegia 3- O poeta fala da tristeza de sua casa, na noite em que teve de partir.

Elegia 4- O poeta fala da tempestade no mar Jônio, tão grande que até os marinheiros perderam esperança de salvação.

Elegia 5- O poeta fala da fidelidade de um amigo, que nunca o abandonou.

Elegia 6- O poeta louva o zelo e a fidelidade da esposa e promete eternizá-la em seus versos.

Elegia 7- O poeta dá conselhos a um amigo.

Elegia 8- O poeta queixa-se de um amigo, que o abandonara no infortúnio.

Elegia 9- O poeta diz que a maioria das pessoas somente se mostram amigas nas horas felizes.

Elegia 10- O poeta congratula um amigo pelo seu esforço e cultura.

Elegia 11- O poeta elogia a nau que o leva a Tomos.

Elegia 12- O poeta se desculpa pelos seus versos.

O livro II, que deve ter sido escrito no ano 9 da nossa era, é constituído por apenas uma elegia. Nesse livro, Ovídio implora a Augusto para, pelo menos, lhe conceder um exílio mais tranqüilo e seguro.

O livro III, que deve ter sido escrito durante os anos 9-10 da era cristã, contém quatorze elegias, que tratam dos seguintes assuntos:

Elegia 1- O poeta manda seu livro pedir ao imperador que o perdoe.

Elegia 2- O poeta diz que passa o tempo em tristezas constantes e pede aos deuses para morrer.

Elegia 3- O poeta escreve a sua esposa falando de sua saúde precária.

Elegia 4- O poeta dá conselhos a um amigo querido, que não ousa nomear.

Elegia 5- O poeta louva a lealdade de um amigo, experimentada e conhecida principalmente na adversidade..

Elegia 6- O poeta louva a fidelidade de outro amigo.

Elegia 7- O poeta escreve a sua filha Perilla.

Elegia 8- O poeta fala de sua saudade da pátria.

Elegia 9- O poeta fala da cidade de Tomos.

Elegia 10- O poeta descreve os sofrimentos de seu desterro.

Elegia 11- O poeta acusa alguém de o estar perseguindo em Roma.

Elegia 12- O poeta descreve os encantos da primavera em Tomos.

Elegia 13- O poeta fala de seu aniversário.

Elegia 14- O poeta louva a dedicação de um amigo que coleciona os seus versos.

O livro IV, que deve ter sido escrito durante os anos 10-11 da era cristã, contém dez elegias, que tratam dos seguintes assuntos:

Elegia 1- O poeta pede desculpas para seus livros.

Elegia 2- O poeta fala da expedição de Tibério à Germânia.

Elegia 3- O poeta implora às Ursas que velem por Roma e por sua esposa.

Elegia 4- O poeta elogia um amigo e lhe pede que consiga um exílio mais brando com Otávio.

Elegia 5- O poeta elogia um amigo e lhe pede que interceda por ele junto a Otávio.

Elegia 6- O poeta discorre sobre o poder do tempo e do hábito.

Elegia 7- O poeta se admira de não receber carta de um amigo.

Elegia 8- O poeta se queixa de estar envelhecendo no Ponto Euxino.

Elegia 9- O poeta ameaça um inimigo, cujo nome oculta.

Elegia 10- Ovídio fala onde nasceu e conta sobre sua vida.

O livro V, que deve ter sido escrito durante os anos 11-12 da era cristã, contém quatorze elegias, que tratam dos seguintes assuntos:

Elegia 1- O poeta pede aos amigos que juntem este último livro aos quatro enviados anteriormente.

Elegia 2- O poeta escreva a sua esposa, falando de sua saúde.

Elegia 3- O poeta lamenta não poder estar em Roma, no dia da festa de Baco.

Elegia 4- O poeta fala de sua alegria por uma carta que lhe chegara de Roma.

Elegia 5- O poeta fala do aniversário de sua esposa.

Elegia 6- O poeta lamenta ter sido abandonado por um amigo.

Elegia 7- O poeta responde a um amigo o que fazia no exílio e descreve os costumes dos habitantes da região de Tomos.

Elegia 8- O poeta adverte um inimigo que o ataca.

Elegia 9- O poeta exalta a fidelidade de um amigo.

Elegia 10- O poeta diz que os três anos passados no Ponto Euxino lhe pareciam dez anos, por causa da selvageria da região e de suas amarguras.

Elegia 11- O poeta deplora que sua esposa tenha sido ofendida pelos ataques de um inimigo.

Elegia 12- O poeta responde a um amigo que o aconselhara a escrever uma obra importante.

Elegia 13- O poeta pede a um amigo que lhe escreva.

Elegia 14- O poeta promete imortalidade a sua esposa.

Na introdução de sua obra **Ovide: Les Fastes – Les Pontique – Ibis – Le Noyer – Haliuétiques**, Émile Ripert nos apresenta o seguinte quadro das duas principais obras de Ovídio, como exilado:

Os *Tristia* e as *Pontica* de Ovídio, dois recolhidos que não constituem moralmente senão um único, são um diário de um exilado no despontar da nossa era, o mais pungente documento que nós temos, no meu modo de ver, sobre o que poderia ser, nos limites do Império, a vida de um cidadão romano perdido em um país bárbaro. É, portanto, o mais patético e o mais direto lamento que nos deu um poeta da antigüidade, e é surpreendente constatar que os historiadores da literatura latina não têm atentado para estas páginas, às vezes pungentes, da forma como elas merecem. (Ripert, 1937, p. I)

Embora, em sua essência, o objetivo dos *Tristia* fosse comover o imperador, de modo a obter seu perdão e a permissão de voltar a Roma, merece destaque eles terem sido destinados, por Ovídio:

à sua terceira esposa, com quem ele vivia na época do desterro e a quem ele tece elogios constantes, como a companheira de sua vida e a mulher que

quase sucumbiu com sua ida para Tomos, só não o acompanhando no desterro por insistentes pedidos do poeta, que precisava de alguém em Roma para cuidar de seus bens, já que sua forma de exílio (*relegatio*) não implicava perda do que possuía:

Vltima, quae mecum seros permansit in annos,

Sustinuit coniux exulis esse uiri. (Tristium 4, 10, v. 73-74)

(A última, que permaneceu comigo nos últimos, anos suportou ser a esposa de um homem desterrado.)

Non potes auelli; simul hinc, simul ibimus, inquit,

Te sequar et coniux exulis esse exul ero. (Tristium 1, 3, v. 81-82)

(Não podes ser afastado à força; juntos aqui, juntos iremos, ela disse, eu te seguirei, e esposa de um exilado, serei uma exilada)

Viuat et absentem, quoniam sic fata tulerunt

‘Viuat et auxilio subleuet usque suo!’ (Ibidem, v. 101-102)

(Que ela viva, que ela viva e mantenha sempre, visto que os fados assim o determinam, o ausente com sua ajuda!)

a alguns poucos amigos que lhe permaneceram fiéis e dos quais lamentava a ausência, evitando nomeá-los para não atrair a ira de César contra eles:

Non qui soletur, non qui labentia tarde

Tempora narrando fallat, amicus adest. (Trist. 3, 3, v. 11-12)

(Não existe aqui um amigo que consola, nem um que conversando engane o tempo, que passa lentamente)

e a um inimigo, também não declarado, que procurava prejudicá-lo ainda mais, em Roma:

Sim licet extremum, sicut sum, missus in orbem

Nostra suas isto porriget ira manus. (Tristium 4, 9, v. 9-10)

(Ainda que tenha sido desterrado para o extremo do mundo, como estou, minha cólera estenderá minha mão mãos até aí)

Nos sessenta e oito versos da elegia doze do livro cinco dos *Tristia*, de que trata o presente trabalho, Ovídio se dirige a um amigo que ele não identifica, amigo esse que o aconselhara a escrever uma obra de vulto, para ocupar de maneira agradável tempos tão dolorosos:

Scribis ut oblectem studio lacrimabile tempus,

Ne pereant turpi pectora nostra situ.(Tristium 5, 12, v. 1-20)

(Tu escreves para que eu ocupe agradavelmente este tempo doloroso com o trabalho, de modo que meus pensamentos não se percam em uma torpe ociosidade.

E Ovídio diz das dificuldades da tarefa, já que escrever versos deve ser uma atividade agradável, produto de um estado de espírito feliz e de uma mente calma):

*Difficile est quod, amice, mones, quia carmina laetum
Sunt opus et pacem mentis habere uolunt.*(Ibidem, v. 3-4)

(O que tu me aconselhas é difícil, amigo, porque os versos são uma tarefa alegre e precisam ter a paz da mente)

Ele descreve, então, os sofrimentos por que está passando:

*Nostra per aduersas agitur fortuna procellas
Sorte nec ulla mea tristior esse potest.*(Ibidem, v. 5-6)

(Meu destino está sendo conduzido através de tempestades adversas. Nenhuma sorte pode existir que seja mais triste do que a minha)

Ao final da descrição de suas aflições, diz que não pode atender ao pedido do amigo, já que costuma queimar os versos que escreve:

*Scribimus et scriptos absumimus igne libellos:
Exitus est studii parua fauilla mei.*(Ibidem, v. 61-62)

(Escrevo e destruo os livros escritos no fogo. O resultado de meu trabalho intelectual é apenas um pouco de cinza).

E que apenas o que foi salvo das chamas pelo acaso ou pelo descuido chagaria até o amigo:

*Nec nisi pars casu flammis erepta doloue
Ad uos ingenii peruenit ulla mei.*(Ibidem, v. 65-66)

(Nem qualquer parte da minha produção intelectual chegou até vós, senão aquela que foi salva das chamas pelo acaso pelo descuido).

Em suas obras, de um modo geral, Ovídio utilizou-se do dístico elegíaco, a estrutura métrica constituída de dois versos, um hexâmetro e um pentâmetro, tão ao gosto dos poetas líricos do “século de Augusto”, estrutura essencialmente voltada para a expressão do amor (sentimental e sensual, ao mesmo tempo), quando se procurou substituir o herói épico pelo amante intrépido e sofrido.

Merece destaque, no entanto, o fato de que, nas obras escritas por Ovídio em seu tempo de exilado, da qual faz parte o texto aqui estudado, o uso do dístico elegíaco estava muito mais próximo de suas origens gregas, quando se acreditava que tal estrutura métrica dava aos poemas assim escritos algo um tanto pungente, de tonalidade lúgubre, predispondo-os, portanto, à expressão da dor; ou mais próximo do moderno conceito de elegia: poema consagrado ao luto e à tristeza, expressando sentimento queixoso.

Na verdade, os versos em questão, como quase tudo o que Ovídio escreveu em sua fase de exilado, apesar de sua grande beleza, expressam o sofrimento pungente do poeta, longe de sua querida Roma, de sua família e de seus amigos.

E para a demonstração de sua dor, ele não reluta em usar, com frequência, todas as figuras que pudessem reforçar o que ele pretende expressar, tais como comparações, metáforas, metonímias, prosopopéias, etc.

Já nos primeiros versos da elegia aqui estudada, nota-se o esforço de Ovídio em envolver o leitor no compromisso com a sua dor, quando ele fala de seu destino como “nosso”, usando a primeira pessoa do plural:

Ne pereant turpi pectora nostra situ(Tristium 5, 12, v. 2)
(Não se percam nossos pensamentos em torpe ociosidade)

E assim ele prossegue, em outras passagens do texto:

Nostra per aduersas agitur fortuna procellas (Ibidem, v. 5)
(Nosso destino está sendo conduzido através de tempestades adversas)

Scribimus et scriptos absumimus igne libellos (Ibidem, v. 61)
(Escrevemos e destruímos os livros escritos no fogo)

No entanto, quando é do seu interesse destacar a sua individualidade sofredora, ele o faz, usando a primeira pessoa do singular:

Sorte nec ulla mea tristior esse potest (Ibidem, v. 6)
(Nenhuma sorte pode existir que possa ser mais triste que a minha)
Exitus est studii parua fauilla mei. (Ibidem, v. 62)
(O resultado do meu trabalho intelectual é um pouco de cinza)

Aliás, pelos exemplos aqui citados, pode-se até observar que ele usa a primeira pessoa do plural no hexâmetro e a primeira pessoa do singular no pentâmetro.

Outro esforço que se observa na elegia estudada, é aquele em que Ovídio

procura captar a benevolência do leitor (*captatio beneuolentiae*), através de sua própria desvalorização:

*Me quoque despera fuerim cum paruus et ante,
Illi, qui fueram, posse redire parem.* (Ibidem, p. 29-30)

(Não tenhas a esperança que eu possa voltar a ser igual àquele que eu tinha sido, embora eu tenha sido medíocre anteriormente).

No entanto, logo a seguir, ele volta à auto-valorização, culpando a situação e o local pela possível má qualidade de seu trabalho:

*Carmina scripta mihi sunt nulla aut qualia cernis,
Digna sui domini tempore, digna loco.* (Ibidem, v. 35-36)

(Nenhum verso foi escrito por mim, que fosse digno do seu autor, que fosse digno do lugar)

E até nos grandes dramas da mitologia, ele vai buscar comparações que sirvam para exemplificar seus males:

*Nostra per aduersas agitur fortuna procellas:
Sorte nec ulla tristior esse potest.
Exigis ut Priamus natorum in funere plaudat
Et Niobe festos ducat ut orba choros.* (Ibidem, v. 5-8)

(Meu destino é conduzido por tempestades adversas. Nenhuma sorte pode existir mais triste que a minha. Avalias como Príamo tenha se regozijado no funeral dos filhos e como Niobe, privada dos filhos, tenha estado à frente de reuniões festivas).

Nesta passagem, Ovídio faz referência à morte dos filhos de Príamo, Heitor e Páris, mortos defendendo Tróia. E ao desespero de Niobe, mulher do rei tebano Anfíon, que se orgulhava de seus sete filhos e sete filhas, desprezando Latona, mãe dos gêmeos Apolo e Ártemis, por só possuir dois filhos, por isso se opondo a seu culto. Latona, ofendida, pediu vingança, e Apolo e Ártemis mataram filhos de Niobe com suas flechas. Desvairada pela dor e pelo desespero, a pobre mãe sentou-se ao lado dos cadáveres, não dando mais sinal de vida, e transformou-se num rochedo, do qual as lágrimas continuaram a correr.

Mesmo fora da mitologia, Ovídio estabelece comparações que procurem mostrar o que está acontecendo com ele:

*Des licet in ualido pectus mihi robore fultum,
Fama refert Anyti quale fuisse reo.* (Ibidem, v. 11-12)

(É lícito que tu me atribuas um caráter amparado por uma firmeza poderosa, qual a tradição relata ter existido no réu de Aneto).

*Adde quod ingenium longa rubigine laesum
Torpet et est multo, quam fuit ante, minus.
Fertilis, adsiduo si non renouatur aratro,
Nil nisi cum spinis gramen habebit ager;
Tempore qui longo steterit, male currit et inter
Carceribus missos ultimus ibit equus;
Vertitur in teneram cariem rimisque dehiscit,
Si qua diu solitis cumba uacabit aquis.* (Ibidem, v. 21- 28)

(Acréscita a isso o fato de que a inteligência, prejudicada pela longa ociosidade, fica entorpecida, tornando-se muito inferior ao que fora antes. Mesmo o campo fértil, se não é renovado pelo arado com frequência, nada produzirá, a não ser erva com espinhos. O cavalo que tenha ficado parado por longo tempo, corre mal e andará entre os últimos soltos nos cercados. Se algum barco estiver fora das águas habituais por muito tempo, ele se transforma em frágil podridão e se abre em fendas.)

*Vtque dedit justas tauri fabricator aeni,
Sic ego do poenas artibus ipse meis.* (Ibidem, v- 47-48)

(E assim como o construtor do touro de bronze sofreu justas punições, assim eu mesmo sofro pelas minhas obras)

E Ovídio não poupou o uso das metáforas:

Nostra per aduersas agitur fortuna procellas: (Ibidem, v. 7)
(Meu destino está sendo conduzido através de tempestades adversa)

*Nominis et famae quondam fulgore trahebar,
Dum tulit antemnas aura secunda meas* (Ibidem, v. 39-40)

(Antigamente, enquanto um vento favorável conduzia minhas velas, eu era atraído pelo brilho do nome e da fama).

*Nil mihi debebat cum uersibus amplius esse,
Cum fugerem merito naufragus omne fretum.* (Ibidem, v. 49-50)

(Nada mais devia existir para mim com os versos, depois que eu, náufrago, com razão, evitasse todo o mar)

Ou o uso das metonímias:

Ponitur idcirco noster in igne labor(Ibidem, v. 64)
(Por isso nosso trabalho é colocado no fogo).

Sic utinam, quae nil metuentem tale magistrum
Perdidit, in cineres Ars rnea uersa foret!(Ibidem, v. 67-68)
(Assim oxalá que minha Arte de Amar, que arruinou o seu autor
não temeroso de tal coisa, tivesse sido transformada em cinza.)

Ou o uso de hipérboles:

Sorte nec ulla mea tristior esse potest.(Ibidem, v. 6)
(Nenhuma sorte pode existir que seja mais triste do que a minha.)
Cum fugerem merito naufragus omne fretum. (Ibidem, v. 50)
(Depois que eu, náufrago, com razão evitasse todo mar)

Ou o uso da prosopopéia:

Nostra per aduersas agitur fortuna procellas (Ibidem, v. 5)
(Meu destino está sendo conduzido através de tempestades adversas)

Nec tamen, ut uerum fatear tibi, nostra teneri
A componendo carmine Musa potest.(Ibidem, v. 59-60)
(Minha inspiração, contudo, como na verdade te confesso, não pode
abster-se de fazer versos.)

Ou o emprego de perífrases:

Anyti reo (Ibidem, v. 12)
(Réu de Aneto = Sócrates)

Nouem Sorores (Ibidem, v. 45)
(Nove Irmãs = A Arte de Amar)

Percebe-se, nos versos de Ovídio, até mesmo o uso da metalingüística:

Ipse mihi uideor iam didicisse Latine.(Ibidem, v. 57)
(Eu mesmo já me vejo como se tivesse desaprendido latim)
Iam didici Getice Sarmaticeque loqui. (Ibidem, v. 58)
(Eu já aprendi a falar a língua dos getas e dos sármatas).

Podemos concluir, portanto, que estes versos da elegia doze, do livro cinco, dos ***Tristia***, habilmente trabalhados por um poeta dotado de enorme sensibilidade, a exemplo de toda a obra, são de raríssima beleza, um grito pungente de dor de alguém que se viu privado das coisas que mais amava, e que mereciam um estudo mais apurado dos estudiosos da literatura latina.

ANATUREZADARETÓRICA - 2ª parte

Profa. Me.Elisa Costa Brandão de Carvalho (UERJ)

RESUMO:

Tendo como base o 2º capítulo da obra intitulada *The Art of Persuasion in Greece* de autoria do grande estudioso da retórica e da literatura clássicas, George Kennedy, este artigo tem por finalidade dar continuidade ao artigo “A Natureza da Retórica” publicado na edição nº XVI da revista *Principia*. Nesta 2ª parte abordaremos o desenvolvimento da *Retórica* de Aristóteles até a *Retórica a Alexandre*.

Palavras-chave: retórica, filosofia, persuasão

O Desenvolvimento da *Retórica* de Aristóteles

Mesmo em uma primeira leitura da *Retórica* de Aristóteles notam-se inconsistências na ordenação dos assuntos e repetições. Para explicá-las os eruditos modernos têm elaborado teorias acerca da ordem em que foram escritos os diferentes livros da *Retórica*. Nesta questão Kennedy aceita as teorias de Friedrich Solmsen, que é substancialmente um desenvolvimento das teorias de A. Kantelhardt e de Werner Jaeger.

Segundo esta teoria há uma certa evolução nas teorias de Aristóteles sobre a retórica. Em um diálogo juvenil, intitulado *Gryllus*, Aristóteles defende as teorias de Platão acerca da retórica, desvalorizando-a em sua própria essência. Em seguida o Estagirita escreveu um tratado sobre retórica que se encontra contido no que hoje conhecemos como os livros I e II da *Retórica*. Neste tratado de Aristóteles desenvolve o estudo do entimema.

A *Retórica* é o resultado de três etapas posteriores. Em uma primeira etapa Aristóteles aplica ao estudo da retórica sua teoria acerca da lógica, incluindo aí a caracterização do entimema. Em segundo lugar, seguindo a sugestão de Platão exposta no *Fedro*, ele adiciona à argumentação lógica a psicologia, a fim de obter uma persuasão mais eficaz. Finalmente, em terceiro lugar, aproximando-se mais da teoria retórica antiga, ele estuda o estilo das partes do discurso.

Aristóteles distinguiu ainda três tipos de oratória: a judiciária, a deliberativa e a epidíctica. Esta distinção foi feita em primeiro lugar pelo Estagirita, já que os tratadistas a ele anteriores ocupavam-se apenas com a oratória judiciária. Tal divisão tornou-se posteriormente tradicional, apesar de ser ligeiramente questionada por autores posteriores como Cícero e Quintiliano. Os eruditos modernos questionam, sobretudo os critérios usados pelos filósofos para esta classificação, critérios estes que vão desde o tipo de ouvinte até o conteúdo. Mesmo discursos daquela época não se deixam classificar facilmente em um ou outro dos três tipos.

Aristóteles sobre a IN

Os dois primeiros livros da *Retórica* são sobre

Por tudo o que foi dito aqui, podemos concluir que realmente acreditamos ser uma injustiça as críticas que vêm sendo feitas a Públio Ovídio Naso através dos tempos, autor com frequência relegado ao esquecimento nos meios acadêmicos ou por aqueles que dedicam suas vidas aos estudos da língua e da literatura clássica. Ele não é o autor superficial e frívolo, preocupado apenas com assuntos mundanos e a forma de expressão, unicamente em busca da admiração e dos agrados da sociedade romana, como muitos quiseram fazer crer. Ele é sensível e competente no trato da língua, usando o dístico elegíaco como poucos, em versos plenos de belas e fortes imagens.

E não se pode nem mesmo alegar que o seu trabalho é apenas o resultado da dor do homem exilado, daquele homem que perdeu as coisas que mais amava, obrigado a terminar seus dias em um rincão selvagem e frio, distante da civilização e da cultura da época, distante de um meio em que ele se sentia tão à vontade e pelo qual deixou uma possível carreira de glórias e honrarias. Não seria justo esquecer obras suas que realmente merecem destaque na literatura de todos os tempos: quando ele começou a escrever os *Fasti* e as *Metamorphoseon* não se encontrava na condição de homem desterrado. E nem por isso essas deixam de ser obras magníficas, que muito têm a passar para as gerações que se seguiram.

Pelas construções que utiliza, pela inteligente demonstração de seus ias, proposopopéias, hipérboles, perífrases, Ovídio consegue envolver o leitor em seus sofrimentos de tal forma, que nos dá a impressão que o estamos vendo em Tomos, com um estilete na mão, escrevendo seus versos, com conhecimentos de mitologia, pelas suas comparações, metáforas, metonímicos olhos rasos d'água. Portanto dividimos a opinião de Émile Ripert, quando nos escreve da sua surpresa ao constatar que os historiadores da literatura latina não têm atentado para as páginas de Ovídio, da forma como elas merecem.

BIBLIOGRAFIA.

- ALMENDRA, Ana Maria et FIGUEIREDO, José Nunes. **Compêndio de Gramática Latina**. Porto: Ed. Porto, 1999.
- ANDRE, Jacques. **Ovides: Tristes**. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- BAYET, Jean. **Littérature Latine**. Paris: Armand Colin, 1960.
- CHOMARAT, Jacques. **Les Élégiques et Stace**. (In GRIMAL, Pierre et alii. **Rome et Nous**). Paris: J. Picard, 1977.
- GAILLARD, JAQUES. **Introdução à Literatura Latina - Das Origens a Apuleio**. Rio de Janeiro: Inquérito, s/d.
- GAILLARD, J. et MARTIN, R. **Les Genres Littéraires à Rome**. Paris: Scodet, s/d.
- GRENIER, Albert. **Le génie romain dans la religion, la pensée et l'art**.

GRENIER, Albert. **Le génie romain dans la religion, la pensée et l'art**.

_____. **La Littérature Latine**. Paris: PUF, 1972.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana** (Tradução de V. Jabouville). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica** (Tradução de Mário da Gama Kury). R. de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

KENNEY, E. J. y CLAUSEN, W. **Historia de la Literatura Clásica (II. Literatura Latina)**. Madrid: Gredos, 1989.

NETO, Serafim Silva. **Pontos de Literatura**. São Paulo: Ed. Nacional, 1945.

PETIT MANGIN, H. **Histoire Sommaire Illustrée de la Littérature Latine**. Paris: J. de Gigord, 1946.

RIPERT, Émile. **Ovide: Les Tristes – Les Pontiques – Ibis – Le Noyer – Halieutiques**. Paris: Librairie Garnier Frère, 1937.

SAMUEL, Rogel. **Manual de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 1984.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário latino português**. Porto: Gráficas Reunidas, 1999.

VELLOSO, Augusto. **Tristium**. Ro: Organização Simões, 1952.

(VÁRIOS AUTORES). **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1995.